

Prólogo

Nessa noite persegui o assassino em série no quarto de brincar da minha filha. Na maior parte do tempo imitava a rotina de ir para a cama de uma pessoa normal. Dentes escovados. Pijama vestido. Mas depois de o meu marido e a minha filha adormecerem, recolhia ao meu gabinete temporário e ligava o portátil, essa janela de cerca de quarenta centímetros de largura com vista para o infinito. A nossa zona, a noroeste da baixa de Los Angeles, é extraordinariamente sossegada de noite. Às vezes o único som era o dos cliques à medida que, usando o *zoom* do Google Street View, explorava os acessos das casas de homens que não conhecia. Raramente mudava de lugar, mas com uns poucos cliques saltava décadas. Livros de curso. Certidões de casamento. Fotos de identificação policial. Passava a pente fino milhares de páginas de dossiês de polícia dos anos setenta. Estudava relatórios de autópsia. Fazer isto rodeada de meia dúzia de animais de peluche e um conjunto de bongos miniatura cor-de-rosa não me parecia invulgar. Tinha encontrado o meu gabinete de pesquisa, tão privado como um labirinto para ratos. As obsessões exigem um quarto só delas. O meu estava cheio de folhas de cartolina onde eu rabiscava excertos dos códigos penais da Califórnia com lápis de cor.

Por volta da meia-noite, no dia 3 de julho de 2012, abri um documento onde tinha feito uma lista de todos os objetos que ele havia roubado ao longo dos anos. Desanimei um pouco na segunda metade: becos sem saída. Entre os objetos a localizar estavam uns botões de punho roubados em Stockton, em setembro de 1977. Nessa altura, o Golden State Killer, como tinha passado a chamar-lhe, ainda não tinha obtido o grau de assassino. Era um violador em série, conhecido como East Area Rapist, o Violador da Zona Leste, que atacava mulheres e

raparigas nos quartos, primeiro a leste do condado de Sacramento, depois avançando sinuosamente para as comunidades do Vale Central e em redor de East Bay, em São Francisco. Era jovem — teria entre os dezoito e os trinta anos —, caucasiano e atlético, conseguindo escapar por ser capaz de saltar vedações altas. O seu alvo habitual era a segunda casa térrea depois de uma esquina, numa zona sossegada de classe média. Usava sempre máscara.

A precisão e a autoproteção eram os seus traços distintivos. Depois de se concentrar numa vítima, muitas vezes entrava na casa antes, quando não estava lá ninguém, para estudar as fotografias de família e para se familiarizar com a planta da habitação. Desativava as luzes do pátio e destrancava portas de correr de vidro. Tirava as balas das armas. Os portões fechados de proprietários despreocupados ficavam abertos; as fotografias que tinha mudado de lugar eram arrumadas, atribuindo-se a desarrumação à desordem da vida quotidiana. As vítimas dormiam descansadas até o clarão da lanterna lhes abrir os olhos à força. A cegueira desorientava-as. As cabeças, sonolentas, primeiro pensavam devagar, depois a mil. Um vulto que não conseguiam ver empunhava a luz, mas quem era e porque fazia aquilo? O medo ganhava direção quando ouviam a voz, descrita como um sussurro gutural através de dentes cerrados, brusco e ameaçador, embora algumas pessoas tivessem detetado um deslize ocasional para um tom mais agudo, um tremor, um gaguejar, como se o estranho mascarado no escuro escondesse não o rosto, mas também um desequilíbrio evidente que nem sempre conseguia disfarçar.

Em setembro de 1977, o caso de Stockton, em que tinha roubado os botões de punho, fora o seu vigésimo terceiro ataque e acontecera depois de umas férias de verão claramente delimitadas. Uma mulher de vinte e nove anos acordou no seu quarto, no noroeste de Stockton, com o som dos anéis da cortina a rasparem no varão. A mulher levantou a cabeça da almofada. No exterior, as luzes do pátio enquadravam uma silhueta à entrada. A imagem volatilizou-se quando a lanterna lhe bateu na cara e a cegou; uma força assustadora precipitou-se para a cama. O seu último ataque tinha sido no fim de semana do Memorial Day. Era uma e meia da manhã da terça-feira depois do Labor Day. O verão chegara ao fim. Ele regressara.

Tinha começado a atacar casais. A vítima feminina tentou descrever o cheiro pestilento do atacante ao polícia destacado. Esforçou-se por identificar o odor. A falta de higiene não podia ser uma explicação

satisfatória. O cheiro não vinha das axilas nem do hálito. O melhor que a vítima conseguiu, de acordo com o que o polícia registou no relatório, foi dizer que parecia um cheiro causado pelo nervosismo e que emanava não de uma zona em particular do corpo, mas sim de todos os poros. O agente pediu-lhe para ser mais explícita. Não conseguiu. O problema era nunca ter sentido um cheiro parecido antes.

Como noutros casos em Stockton, o criminoso tinha declarado precisar de dinheiro, mas ignorou-o quando o viu. Preferia objetos com valor sentimental para os que violava: alianças de casamento gravadas, cartas de condução, moedas comemorativas. Os botões de punho, uma peça de família dos anos cinquenta, tinham um estilo invulgar e um monograma com as iniciais *N.R.* O polícia desenhara um esboço rudimentar na margem do relatório. Eu queria saber se seriam muito invulgares. Pesquisando na Internet, descobri que os nomes masculinos que começam com “N” eram relativamente raros, só aparecendo uma vez no top cem dos nomes dos anos trinta e quarenta, período durante o qual o proprietário original dos botões de punho provavelmente tinha nascido. Digitei no Google uma descrição dos botões de punho e bati na tecla “return” do portátil.

É preciso húbris para se pensar que se consegue deslindar um caso complexo de um assassino em série que uma força operacional com elementos de cinco jurisdições da Califórnia, com apoio do FBI, não conseguiu resolver, sobretudo quando o trabalho de investigação é, como o meu, amador. O meu interesse por este crime tem razões pessoais. Quando tinha catorze anos, o homicídio por resolver de uma vizinha despertou em mim o fascínio por casos arquivados. O aparecimento da Internet transformou esse interesse numa investigação empenhada. Quando os arquivos nacionais ficaram disponíveis *online* e se criaram motores de pesquisa sofisticados, percebi que uma cabeça cheia de pormenores de crimes se podia articular com uma zona de pesquisa, e em 2006 lancei um *site* chamado *True Crime Diary*. Quando a minha família vai dormir, viajo no tempo e exploro indícios obsoletos usando a tecnologia do século XXI. Começo a clicar, vasculhando a Internet em busca de pistas digitais que podem ter escapado às autoridades e passando a pente fino páginas amarelas digitalizadas, livros de curso e imagens de cenas de crime no Google Earth: um poço sem fundo de pistas potenciais para o investigador que passou a existir no mundo virtual. Partilho as minhas teorias com os leitores habituais do meu blogue.

Escrevi sobre centenas de crimes por resolver, desde homicidas que usavam clorofórmio a padres assassinos. O Golden State Killer, no entanto, foi o que mais trabalho me deu. Além de cinquenta agressões sexuais no norte da Califórnia, foi responsável por dez homicídios sádicos no sul da mesma região. Tratava-se de um caso que abrangia uma década e acabou por mudar a lei do ADN no estado. Nem o Zodiac, que aterrorizou São Francisco no fim dos anos sessenta e início dos anos setenta, nem o Night Stalker, que obrigou os habitantes do sul da Califórnia a trancar as janelas nos anos oitenta, foram tão ativos. Contudo, pouca gente ouviu falar do Golden State Killer. Só teve um nome que fica no ouvido depois de eu o ter cunhado. Atacou por toda a Califórnia, em diferentes jurisdições que nem sempre partilhavam informação ou comunicavam bem umas com as outras. Quando os testes de ADN revelaram que alguns crimes que antes se pensava não estarem relacionados tinham sido obra do mesmo homem, já tinha passado mais de uma década desde o seu último homicídio conhecido e capturá-lo não era uma prioridade. Tinha desaparecido do radar, estava em liberdade e por identificar.

Mas continuava a aterrorizar as vítimas. Em 2001 uma mulher em Sacramento atendeu o telefone na mesma casa onde fora atacada vinte e quatro anos antes. “Lembras-te de quando brincámos?”, sussurrou um homem. Reconheceu a voz imediatamente. As palavras faziam eco de qualquer coisa que ele tinha dito em Stockton, quando a filha de seis anos do casal se levantou para ir à casa de banho e o encontrou na zona de entrada. Estava a cerca de seis metros, o homem sem calças, com uma máscara de esqui castanha e luvas pretas de malha. Usava um cinto com uma espécie de espada. “Estou a pregar partidas à tua mãe e ao teu pai”, disse. “Anda ver.”

O que me atraía fora o facto de o caso parecer sem solução. A área afetada era ao mesmo tempo demasiado grande e demasiado pequena; havia muitas vítimas e pistas abundantes, mas em comunidades relativamente fechadas, o que facilitava a prospeção de informação sobre possíveis suspeitos. Fui rapidamente engolida pelo caso. A curiosidade transformou-se em voracidade. Andava à caça, absorta num delírio de cliques que associava a exploração compulsiva a uma descarga de dopamina. Não estava sozinha. Descubri um núcleo duro de investigadores empenhados que se reuniam num fórum de discussão na Internet, trocando pistas e teorias sobre o caso. Pondo de lado todos os preconceitos, comecei a seguir a conversa, vinte mil publicações e todas as seguintes. Passei a ignorar os canalhas com motivações duvidosas e

concentrei-me nos que procuravam a verdade. De vez em quando aparecia no fórum uma pista, como a imagem de um decalque de um veículo suspeito avistado perto do local de um ataque, uma espécie de pedido de apoio ao público em geral vindo dos inspetores sobrecarregados que ainda tentavam resolver o caso.

Não o considerava um fantasma. As minhas esperanças concentravam-se na possibilidade de erro humano. Raciocinava que ele devia ter cometido um erro algures.

Na noite de verão em que procurei os botões de punho, já andava obcecada com o caso há quase um ano. Gosto daqueles blocos de notas com folhas amarelas, principalmente das primeiras dez páginas aproximadamente, quando tudo parece fácil e há esperança. O quarto de brincar da minha filha estava cheio de blocos parcialmente preenchidos, um desperdício que refletia o meu estado de espírito. Cada bloco era um fio que começava e chegava a um impasse. Pedi conselhos aos inspetores reformados que tinham trabalhado no caso, muitos dos quais já considerava amigos. A húbris deles já se tinha esgotado, mas isso não os impedia de encorajar a minha. A investigação para identificar o Golden State Killer, abrangendo quase quatro décadas, parecia menos uma corrida de estafetas do que um grupo de fanáticos, sob o mesmo jugo, escalando uma montanha impossível. Os mais velhos tinham de parar, mas insistiam comigo para continuar. Com um deles, lamentei o facto de sentir que me agarrava a qualquer aparência de esperança.

“Quer um conselho? Agarre essa esperança”, disse ele. “Investigue tudo até ao fim.”

Os objetos roubados eram a minha esperança mais recente. Não me sentia otimista. Ia passar o fim de semana do Quatro de Julho com a minha família em Santa Monica. Ainda não tinha feito as malas. Previa-se um tempo péssimo. Foi então que vi aquilo, uma só imagem entre as centenas que apareciam no ecrã do computador, o mesmo estilo dos botões de punho esboçados no ficheiro da polícia, com as mesmas iniciais. Verifiquei e tornei a verificar o desenho grosseiro do polícia, comparando-o com a imagem no computador. Custavam oito dólares numa loja *vintage* de uma cidadezinha do Oregon. Comprei-os imediatamente; paguei quarenta dólares para os receber no dia seguinte. Desci o corredor até ao quarto. O meu marido dormia do lado dele da cama. Sentei-me na borda e olhei-o até ele abrir os olhos.

“Acho que o encontrei”, disse. O meu marido não teve de perguntar a quem me referia.